

ENTRE SANGUE E PÓLVORA

Um histórico da crise no Afeganistão



POLÍTICA INTERNACIONAL

Por Lucas Calderolli e Victor de Oliveira



ESTUDOS DE
POLÍTICA EM
PAUTA - USP

Entre sangue e pólvora: um histórico da crise no Afeganistão

O Afeganistão tem uma história riquíssima que se estende por milênios no passado. A região onde hoje é o território afegão foi um dos primeiros lugares do planeta a ter registro da presença de assentamentos humanos sedentários e desenvolvimento da agricultura. As primeiras cidades da região datam de cerca de 5000 anos atrás. Além disso, uma das civilizações mais antigas da história, a Civilização do Vale do Indo, ocupou boa parte do que hoje é o nordeste do Afeganistão. O país é historicamente conhecido pelo apelido de “cemitério de impérios”, referência ao fato de que, ao longo da História, diversos povos e impérios fracassaram em conquistar a região ou tiveram imensa dificuldade de conseguir manter o controle do território no longo prazo. Alexandre, o Grande supostamente teria dito que ali “é fácil de entrar, mas difícil de sair”.

Ao longo do século XIX, o Afeganistão foi palco de uma importante disputa geopolítica, o chamado “Grande Jogo”. O termo se refere a uma disputa de hegemonia entre o Império Britânico e o Império Russo. A Rússia se expandia e conquistava territórios na Ásia central, enquanto os britânicos tinham territórios no subcontinente indiano, onde hoje é a Índia e o Paquistão. O Afeganistão era o território que separava os dois impérios e controlá-lo

era estratégico. Essa disputa levou a diversos conflitos, como as duas Guerras Anglo-Afegãs, que terminaram com o Afeganistão se tornando um protetorado britânico até 1919, quando conquistou sua independência.

É difícil escolher uma data para contar um pouco da história da nação. Esse artigo escolheu o ano de 1973, ano da derrubada da monarquia, como marco inicial para contar o histórico da crise que se abate sobre o país até os dias de hoje. Boa leitura!

1. República de Daoud (1973 – 1978) e a Revolução de Saur (1978)

Em julho de 1973, o rei Mohammed Zahir Shah realizou uma viagem de férias para Itália a fim de passar por um tratamento médico. Durante a viagem, seu primo, o ex-primeiro-ministro Mohammed Daoud Khan, perpetrou um golpe de Estado com o apoio das Forças Armadas afegãs, derrubando a monarquia e instaurando uma república cujo período histórico leva seu nome. A fim de evitar que a situação desembocasse em uma Guerra Civil, o rei Zahir Shah renunciou ao trono no mês seguinte, dando formalmente fim à monarquia.



À direita, o rei Mohammed Zahir Shah, e à esquerda, o presidente Mohammed Daoud Khan.

Daoud Khan havia sido primeiro-ministro do Afeganistão entre 1953 e 1963, durante o reinado de seu primo, quando foi forçado por ele a renunciar. Após ser bem sucedido em tomar o poder em 1973, Daoud Khan estabeleceu, em 1975, seu próprio partido político, o Partido Nacional Revolucionário. No ano seguinte, uma nova Constituição foi posta em prática, o que transformou o país numa república de partido único, com a oposição sendo violentamente reprimida.

Em conjunto com as características autocráticas de seu governo, Daoud Khan promoveu diversas políticas de modernização do país, como reformas educacionais e sociais. Além disso, tentou, de início, manter boas relações tanto com os Estados Unidos como com a União Soviética. Contudo, a relação com a URSS acabou se deteriorando com o tempo, na medida em que Moscou via o governo afegão cada vez mais próximo do Ocidente. Contribuiu também para isso o fato de

que Daoud Khan colocou o Afeganistão como parte do Movimento Não-Alinhado, rejeitando as iniciativas da URSS de ditar a política externa do país.

Esse distanciamento dos soviéticos, alinhado com a repressão doméstica, levou ao descontentamento de alguns aliados internos, em especial o Partido Democrático do Povo Afegão (PDPA). Fundado em 1965 e de orientação marxista-leninista, o partido participou, ao lado de Daoud Khan, do golpe que derrubou a monarquia em 1973. Após a tomada do poder, o partido conquistou algumas posições no governo. A deterioração da relação do Afeganistão com a URSS e o descontentamento com o governo levaram o PDPA, com o apoio de parte das forças armadas afegãs, a dar um novo golpe de Estado, agora contra o presidente. Daoud Khan e sua família foram mortos no Palácio Presidencial em 28 de abril de 1978, no que ficou conhecida como **Revolução de Saur**.



2. Guerra Afegã-Soviética (1979 – 1989)

República Democrática do Afeganistão (1978-1992)

Durante o período de domínio do PDPA, sob comando de Nur Muhammad Taraki, vigorou a República Democrática do Afeganistão, responsável por diversas reformas no cotidiano nacional. Entre as mais importantes, destacam-se: a concessão de direitos às mulheres afegãs, como sua inclusão na vida política, e a igualdade jurídica entre sexos; a realização de reformas agrárias e a proibição de práticas consideradas usurárias. Por outro lado, o regime também era caracterizado pelo unipartidarismo, autoritarismo e repressão contra opositores.

Entretanto, em 1979, ocorre uma mudança no comando do regime: Hafizullah Amin, Ministro da Defesa, ascende ao posto de máximo poder, ordenando a deposição e execução de Taraki. Contudo, Amin não contava com a mesma confiança que a URSS depositava em seu antecessor. Agindo conforme a chamada **Doutrina da Soberania Limitada**, que pregava a intervenção soviética em Estados socialistas ameaçados ou que buscassem independência do Kremlin, o líder soviético Leonid Brezhnev ordenou a invasão do Afeganistão. Amin foi deposto e, em

seu lugar, foi colocado Babrak Karmal, aliado da URSS.

Guerra Afegã-Soviética e o papel dos EUA (1979-1989)

Simultaneamente a esses acontecimentos, as reformas promovidas nos costumes e nas tradições afegãs pelo governo comunista levaram à insatisfação dos setores religiosos ultraconservadores da sociedade. Estes, por sua vez, se organizaram em grupos de guerrilha com o objetivo de derrubar o regime. Eventualmente, esses guerrilheiros receberiam um nome que se tornaria célebre: **mujahideen** (“aquele que se empenha na luta”, isto é, na Jihad, em árabe). Formados especialmente por muçulmanos afegãos e “árabes afegãos” (voluntários islâmicos não necessariamente árabes), tinham entre seus membros mais conhecidos o saudita herdeiro de família bilionária, Osama Bin Laden, que fundaria a organização terrorista **Al-Qaeda**, em 1988. O surgimento dessas forças impõe um novo objetivo às forças soviéticas: sustentar e defender o governo comunista dos ataques mujahideen.



Capa do jornal britânico *The Independent* elogiando o guerreiro mujahideen Osama bin Laden, em 1993

Nesse período, outra superpotência passa a participar da disputa de poder no Afeganistão: os Estados Unidos. No contexto de Guerra Fria entre EUA e URSS, durante a qual cada um dos lados estava disposto a se aliar com qualquer força geopolítica que se opusesse ao outro, os EUA se aproximaram dos mujahideen. Seu suporte logístico, militar e financeiro auxiliou na sustentabilidade dessas guerrilhas no conflito contra os comunistas. Em função disso, a partir de dado momento, a guerra se tornou insustentável para os soviéticos. A elevada mortalidade do conflito (1 helicóptero soviético derrubado por dia), sua impopularidade na própria URSS e os gastos militares excessivos tornaram a Guerra Afegã-Soviética conhecida como “Vietnã soviético”.



O presidente americano Ronald Reagan se encontra com guerreiros mujahideen na Casa Branca, em 1983

Em 1989, a URSS se retira militarmente do Afeganistão e passa apenas a dar suporte financeiro ao governo comunista do país. Segundo historiadores, os custos do conflito contribuíram significativamente para o colapso econômico da URSS, que se desintegraria em 1991.

3. A Guerra Civil Afegã (1992 – 1996) e Surgimento do Talibã (1994)

Após a retirada dos soviéticos da Guerra, em 1989, o governo comunista da República Democrática do Afeganistão cairia em 1992. A partir daí, os diversos grupos de milícias mujahideen começaram a disputar o poder entre si, no que consistiu numa nova fase na guerra civil do país. Diversas tentativas de um governo de coalizão entre esses grupos foram tentadas, mas fracassaram. A partir de 1994, uma dessas milícias, auto-intitulada **Talibã** e apoiada pelo Paquistão, se tornou uma força poderosa. No mesmo ano, o grupo conquistou a cidade de Kandahar, segunda maior do país, seguido de outras vitórias militares em províncias importantes. Em setembro de 1996, o Talibã conquistou a capital, Cabul, tornando-se o governo *de facto* do país.

O Talibã se formou oficialmente como organização em 1994, sob a liderança do Mullah Mohammad Omar, juntamente com um grupo de

estudantes religiosos (Talibã, em pastho, significa *estudantes*, no sentido de *estudiosos do Corão*). O grupo foi ganhando adeptos, parte composta por ex-combatentes mujahideen que lutaram contra os soviéticos, outra parte composta por estudantes que cresceram em campos de refugiados durante a guerra e receberam uma educação profundamente religiosa e fundamentalista.

Parte dessa formação religiosa foi promovida pelos próprios Estados Unidos, que forneceu livros escolares promovendo uma visão radical dos ensinamentos islâmicos e incluindo imagens de armas e soldados, em um esforço para promover nas crianças o ódio aos invasores estrangeiros. Outro fator que contribuiu para essa visão radical do Islã, principalmente entre os jovens que viviam nos campos de refugiados, veio dos mujahideen de origem saudita, adeptos de uma visão islâmica tradicionalista e ortodoxa chamada de Wahhabismo.

Por fim, o Talibã também se apropriou de parte da cultura da etnia pashtun, grupo étnico-lingüístico afegão que corresponde a cerca de 48% da população do país e de onde provém a maioria dos membros dessa milícia islâmica. De origem iraniana, historicamente habitam a região onde hoje é o Afeganistão e divisa com o Paquistão. Atualmente, a maior parte da etnia, composta por cerca de 65 milhões de pessoas, se encontra no Paquistão, onde constituem o segundo

maior grupo do país. Contudo, foi no Afeganistão que essa etnia se caracterizou como uma identidade nacional. Por muito tempo, *afegão* foi um sinônimo dado a *pashtun*.

Os pashtun tradicionalmente formam o que é chamado de sociedade segmentar, um tipo de divisão tribal constituída por vários níveis hierárquicos integrados entre si. Os pashtun constituem o maior grupo étnico de organização segmentar do mundo, com sua população de mais de 60 milhões de pessoas divididas em cerca de 350 a 400 tribos e clãs. Como já mencionado, a maior parte dos membros do Talibã são de tribos pashtun, o que contribui para que a visão ideológica e religiosa do grupo seja um sincretismo de uma visão fundamentalista do Islã com os códigos de conduta tradicionais dos pashtun, conhecido como *pashtunwali*.

4. Domínio Talibã e Emirado Islâmico do Afeganistão (1996 – 2001)

Quando os talibans assumiram o poder, o Afeganistão estava devastado por duas décadas seguidas de conflito. O nível de destruição estrutural e humana no país e o desespero da população ajudam a entender os motivos que sustentaram no poder o grupo fundamentalista, cujo principal pilar discursivo é a instauração de uma ordem tradicional baseada na lei islâmica, ou *Sharia*.

Como consequência das políticas radicais da organização extremista, os direitos das mulheres foram severamente restringidos. O governo do autoproclamado Emirado Islâmico do Afeganistão passou a exigir que todas as mulheres muçulmanas que trabalhassem na ONU e viessem para o Afeganistão por compromissos diplomáticos fossem acompanhadas de um parente homem ou marido. Dentro do próprio país, a educação para mulheres foi em grande parte proibida, bem como seu emprego na maioria das profissões.

No plano étnico-cultural, o Talibã tornou ilegal uma série de atividades vistas como normais por outros muçulmanos, ao exemplo de filmes, músicas, danças, eventos esportivos, roupas e até cortes de cabelo. O grupo também se celebrizou pela perseguição a minorias budistas, cristãs, hindus e também islâmicas (como os xiitas), recorrendo ao genocídio cultural, através da destruição de monumentos e símbolos religiosos que fossem considerados inadequados. Em particular, os judeus foram forçados a utilizar uma insígnia amarela com a estrela de Davi para facilitar sua identificação, prática semelhante à empregada na Alemanha Nazista.

Todavia, apesar de sua força bélica, o Talibã nunca foi reconhecido em peso pela comunidade internacional como legítimo, nem conseguiu controlar todo o território afegão, em

grande parte pela ação de grupos de resistência, atuantes sobretudo no norte do país. O mais famoso deles foi a Frente Islâmica Unida para Salvação do Afeganistão (Aliança do Norte). Ainda assim, o reino de terror talibã perdurou até 2001, quando toda a geopolítica do Oriente Médio seria sacudida pela **Guerra ao Terror** promovida pelos EUA.

5. Invasão americana no Afeganistão (2001)



Logo após os atentados de 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos acusaram o Talibã de acobertar o grupo terrorista Al-Qaeda, apontado como coordenador dos ataques. O então presidente George W. Bush deu um ultimato para que o Talibã expulsasse a Al-Qaeda do país e extraditasse o líder do grupo, Osama bin Laden. O Talibã se recusou a não ser que fossem apresentadas evidências que comprovassem a participação de Bin Laden nos ataques às Torres Gêmeas. Em 7 de outubro, os EUA, em parceria com o Reino Unido, deflagraram a Operação Liberdade Duradoura (Operation Enduring Freedom). Em 13 de novembro, a Aliança conquistou Cabul e, em 17 de

dezembro, removeu do poder o Talibã que, à época da operação, controlava cerca de 90% do território afegão.

Apesar das justificativas oficiais, muitos estudiosos apontam outras razões para a invasão do Afeganistão pelos EUA, que contou com apoio quase unânime do Congresso americano. Em particular, tornar o Afeganistão um aliado seria uma importante via para garantir a influência americana no interior da Ásia. No caso específico da Ásia Central, essa influência se traduzia em diminuir a preponderância russa sobre as reservas locais de gás natural, estratégia alinhada com a política energética da administração Bush, chefiada pelo vice-presidente Dick Cheney.



Nesse intervalo de tempo, um grupo de afegãos da Aliança do Norte se encontrou com representantes da ONU na cidade alemã de Bonn, a fim de traçar um plano para a reconstrução do país e o estabelecimento de um novo governo. Em 20 de dezembro, o Conselho de Segurança da ONU estabeleceu a Força Internacional de Apoio à Segurança

(ISAF), uma missão militar liderada pela OTAN com a finalidade de cumprir os acordos de Bonn. Por meio do treinamento das forças de segurança do Afeganistão e seu suporte logístico, financeiro e militar, objetivava-se a reconstrução do país, o restabelecimento de instituições de Estado e o combate aos focos remanescentes do Talibã. Também em dezembro, uma segunda Conferência em Bonn estabeleceu a autoridade interina afegã, um governo provisório que funcionaria até o estabelecimento da nova Constituição e a convocação de eleições nacionais.

6. Guerra do Afeganistão (2001 – 2021)

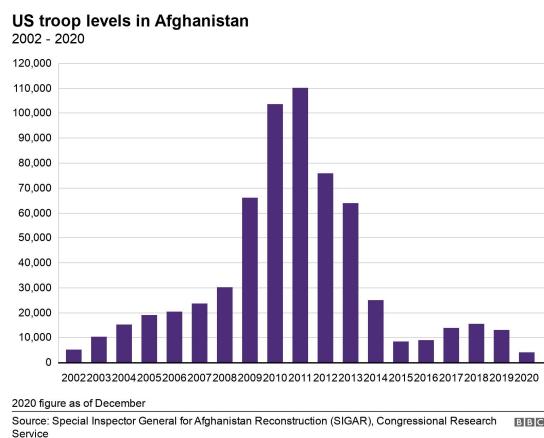
As fases da Guerra

As tensões entre o novo governo e as forças restantes do Talibã não acabaram com a destituição do grupo do poder. As milícias restantes se refugiaram no interior e nas regiões de divisa com o Paquistão, onde passaram a se reestruturar, no que ficou conhecido como insurgência Talibã.

Após a invasão, os Estados Unidos e a OTAN iniciaram uma operação de ocupação no contexto da Enduring Freedom, agora como parte da ISAF, o que durou de 2001 a 2014. Em 2011, a principal justificativa para a continuidade da guerra, a morte de Bin Laden, é cumprida. Com isso, o então presidente Barack Obama, que

até o momento havia aumentado significativamente o número de tropas em operação no país, passou a promover uma redução dos militares, atingindo, em 2015, o menor nível desde o início da guerra.

A partir de 2014, Obama anunciou o fim da operação Enduring Freedom, substituindo-a pela Operação Sentinela da Liberdade (*Operation Freedom's Sentinel*), parte da Missão Apoio Resoluto (RSM) da OTAN, cujos objetivos continuaram a ser ações de contra-terrorismo no território afegão e combate à insurgência talibã, mas agora com um número bem mais reduzido de militares em solo.



Número de tropas americanas no Afeganistão de 2002 a 2020.

A República Islâmica do Afeganistão (2004 – 2021)

No contexto da ocupação americana, o Afeganistão tentou se reconstruir como Estado. Em 2004, uma nova Constituição foi aprovada, instaurando um novo governo em substituição ao governo provisório que

vigorava desde 2001, com os acordos de Bonn. A nova Carta Constitucional era embasada em uma mistura de princípios islâmicos e princípios democráticos, como Judiciário e Legislativo independentes, presunção de inocência, garantia à liberdade de expressão e de religião, sufrágio universal, entre outros. No entanto, apesar da tentativa de democratização - incluindo a primeira transição pacífica de poder na história do país, durante as eleições de 2014 -, diversos organismos internacionais continuaram a classificar o Afeganistão como um país autoritário, em parte devido a escândalos de corrupção, à ineficiência do governo e à ainda existente atividade do Talibã em territórios do interior.

7. A nova ascensão do Talibã, o Acordo de Doha (2020) e Retirada Americana (2020 – 2021)

Ao longo de todo o período de ocupação norte-americana, o Talibã permaneceu ativo, diante da incapacidade dos EUA de desmantelar definitivamente o grupo. Paralelamente a isso, a Guerra do Afeganistão havia se tornado extremamente impopular nos Estados Unidos, tanto em decorrência do número de perdas humanas quanto dos gastos militares trilionários. Na visão do governo estadunidense, o país já havia investido o suficiente na manutenção do conflito, no treinamento das forças militares afegãs e na estabilidade do governo

aliado. Dessa forma, os EUA criaram o entendimento de que seria improutivo permanecer no país, uma vez que a morte de Bin Laden e a eliminação de bases da Al-Qaeda já tinham sido atingidas.

Seguindo esse raciocínio, em fevereiro de 2020, o então presidente americano Donald Trump assinou o **Acordo de Doha** com membros do Talibã, definindo a retirada de tropas americanas do território afegão. O Acordo previa inicialmente a redução do número de tropas atuantes no Afeganistão até julho de 2020, seguida por uma retirada completa até maio de 2021. O pacto condicionava essa retirada a um compromisso do Talibã de não permitir que a Al-Qaeda atuasse nos territórios controlados pelo grupo, bem como iniciar diálogos de paz com o governo afegão.



O então secretário de Estado, Mike Pompeo, com um representante do Talibã, em Doha, Catar, 2020.

O governo Biden, embora tenha decidido dar prosseguimento ao Acordo assinado pelo seu antecessor, resolveu postergar a data da retirada total de tropas de maio para setembro de 2021, alegando falta de logística para cumprir o prazo inicial. Apesar

desse adiamento, a retirada deu ao Talibã a possibilidade de iniciar um rápido avanço sobre o território afegão, isolando o governo aliado aos EUA em Cabul. Em 15 de agosto, a capital foi tomada pelo grupo, derrubando definitivamente a República Islâmica do Afeganistão, fundada em 2004. Novamente, quase 20 anos após sua derrubada do poder, o Talibã se coloca como a principal força política nacional, gerando uma onda de fugas, tanto por parte de afegãos aterrorizados com a possibilidade de perda de direitos, como de americanos e aliados que ainda não conseguiram sair do país.

8. Epílogo

Diante dos fatos abordados, a situação do Afeganistão é imprevisível. O “cemitério de impérios” que já serviu de cenário para derrotas de grandes potências mundiais, como a URSS na década de 1980 e, mais recentemente, os EUA, encontra-se mais uma vez sob controle de uma organização fundamentalista. Não obstante, ainda são nítidos movimentos de resistência ao domínio talibã, sobretudo no norte do país, como na província de Panjshir, a única que ainda não está sob controle dos extremistas.

Não é possível compreender o presente no Afeganistão sem conhecer seu passado. O embrião de dois eventos que marcaram a história contemporânea mundial - o fim da

União Soviética e os atentados ao World Trade Center - surgiram no contexto das intervenções estrangeiras no país. Com efeito, algumas das principais milícias radicais islâmicas, como a Al-Qaeda e o próprio Talibã, surgiram a partir das guerrilhas mujahideen, que desempenharam papel central na Guerra Afegã-Soviética.

É necessário ter o entendimento de que as maiores vítimas do fundamentalismo islâmico são os próprios muçulmanos, justamente aqueles que não são fundamentalistas e que constituem a ampla maioria dos seguidores dessa religião. Em um momento no qual as mulheres, minorias étnicas, religiosas e sexuais do Afeganistão estão com seus direitos gravemente ameaçados, conhecer a história deste país é essencial não apenas para entender os eventos atuais, mas também para se posicionar diante deles.

Referências:

CHARLEAUX, João Paulo. **O que é o Taleban: da origem à retomada do Afeganistão.** Nexo Jornal. 11 de agosto de 2021.
<https://www.nexojornal.com.br/expreso/2021/08/11/Um-hist%C3%B3rico-do-Taleban-da-origem-%C3%A0-nova-ofensiva>

CHARLEAUX, João Paulo. **O fracasso da ‘intervenção para reconstrução’ do Afeganistão.** Nexo Jornal. 16 de agosto de 2021.
<https://www.nexojornal.com.br/expreso/2021/08/16/O-fracasso-da-%E2%80%99interven%C3%A7%C3%A3o-para-reconstru%C3%A7%C3%A3o-%E2%80%99-do-Afeganist%C3%A3o>

JENSEN, Benjamin. **How the Taliban did it: Inside the “operational art” of its military victory.** Atlantic Council. 15 de agosto de 2021.
<https://www.atlanticcouncil.org/blogs/new-atlanticist/how-the-taliban-did-it-inside-the-operational-art-of-its-military-victory/>

SKELLEY, Geoffrey. **Afghanistan has fallen to the Taliban. How will America judge Biden’s decision to withdraw?** FiveThirtyEight. 16 de agosto de 2021.
<https://fivethirtyeight.com/features/afghanistan-has-fallen-to-the-taliban-how-will-americans-judge-bidens-decision-to-withdraw/>

DRUKE, Galen; COHEN, Micah; FROSTENSON, Sarah; SKELLEY, Geoffrey. **What Americans think about ending the war in Afghanistan.** FiveThirtyEight. 16 de agosto de 2021.
fivethirtyeight.com/videos/what-americans-think-about-ending-the-war-in-afghanistan/

ELIS, Sam. **How the US failed to rebuild Afghanistan.** Vox (Youtube). 2018.

<https://www.youtube.com/watch?v=XKVDXbIpW9Q>

ELISHA SAWE, Benjamin. World Atlas. **What Was The Saur Revolution?** 1 de agosto de 2017.

<https://www.worldatlas.com/articles/what-was-the-saur-revolution.html>

OTTAWAY, David B. and STEPHENS, Joe, The Washington Post. **From U.S., the ABC's of Jihad.** 23 de março de 2002.

<https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2002/03/23/from-us-the-abcs-of-jihad>

<d/d079075a-3ed3-4030-9a96-0d48f6355e54/?noredirect=on>

ALSAYYAD, Nezar. **The Fundamentalist City?: Religiosity and the Remaking of Urban Space.** p. 226.

SINGH, Bilveer. Greenwood Publishing Group. **The Talibanization of Southeast Asia: losing the war on terror to Islamist extremists.** 2007.

SHADAN, Abdullah, BBC. **Afghanistan's Saur Revolution: 40th Anniversary.** 27 de abril de 2018.

<https://www.bbc.co.uk/programmes/p065jflm>